

José de Mesquita
Do Centro Mato-grossense de Letras

Terra do Berço

Prefácio de D. Aquino Corrêa
Da Academia Brasileira de Letras



Malinverno, Tapera abandonada

CUIABÁ
Escolas Profissionais Salesianas
MCMXXVII

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

DO AUCTOR:

Poesias	1919
Elogio histórico do Dr. Antônio Corrêa da Costa	1920
O Catholicismo e a Mulher (discurso)	1925
Elogio fúnebre do General Caetano de Albuquerque	1926

Terra do berço! Terra evocativa e linda!

(D. Aquino Corrêa — A Laranjeira Cuiabana)

Em preparação:

A Cavalhada (contos Mato-grossenses)

Tabua

Prefacio 5

Mato Grosso heróico

Canção Mato-grossense 15
Os descobridores 17
Civitas Mater 18
A Serra dos Martírios 19
Novo Bandeirante 20
O Brasão de minha terra 23
DOURADOS 24

Símbolos

A Garça 32
Arvore Morta 33
Águas batidas 34

Mato Grosso evocativo

Terras ancestraes 36
A velha Cathedral 38
Tapera 40
A cruz do morro 43
Romance esquecido 44
Diamantino 48
O Cruzeiro da «Aldeia Velha» 49
O Tarumeiro 50
A alma das velhas casas 54
Sinhá Violante 55

Mato Grosso pinturesco

Impressões e paisagens:

O ângelus do sertão 63
Beira de rio 64
Vivenda ideal 65
Noite na Serra 66
Flor do mato 67
Primeiros frios 68
Vida rústica 69
Tarde de verão 70
Chapada 71
A passagem do noturno 72
Natal sertanejo 73
Diante de uma tela 75
Bilhete da chácara 77
Sol com lua 80
Coxipó 82

Tipos e figuras:

O Carreiro 88
A Caipirinha 89
Negro velho 91
Bucólica regional 94

Tradições e costumes:

Missa das cinco 96
Junho 98
O Samba 101
No «retiro» 102

Prefacio

Vim reler estes versos em pleno contado com a natureza bruta da minha terra, por entre os lindos pantanaes que ressurgem das águas, verdejando amplamente ao sol de junho.

Emquanto leio e escrevo, a bordo da lancha, que vae rodando rio abaixo, entreolha-me a flor nômade dos camalotes, e bordejam sobre o convéz, em revoadas ariscas, as pernaltas selvagens.

Dir-se-ia este o melhor ambiente para entender e sentir as paginas, que ahi vão, reçumantes todas de poesia mattogrossense.

Mas eu preferira outro scenario. Quizera antes uma das nossas taperas históricas, uma dessas ruínas anciãs, onde tudo, desde o esteio nu e solitário até o silencio, que é a voz do passado, fala-nos do tempo de outr'ora.

É que tal se me afigura a athmosphera natal e vital da musa doce e nostálgica deste livro.

Confessa-o alhures o próprio poeta:

*Tenho uma alma de rude e primitivo,
cheia da nostalgia do passado,
e no presente a contragosto vivo,
como um pobre exilado.*

*Estas causas presentes que aos de agora
tamanho gosto e encantamento trazem,
aos meus olhos, tão cheios das de outr'ora,
nenhum effeito fazem.*

*Elles, coitados! vêm diversamente
do que o geral dos homens desta idade,
que, entregues ao egoísmo do presente,
ignoram a saudade.*

(Hellade — poesias)

Nunca elle vive e canta melhor, nunca nos impressiona mais, do que celebrando as «cousas antigas», «a velha Cathedral», «a alma das velhas casas », o «negro velho », ou revivendo o romance colonial de «Sinhá Violante ».

Escutae-o :

*Um velho móvel tem muito mais eloquência,
que os compêndios da fria e árida sciencia ;
um antigo papel guarda em sua leitura
toda a recordação de uma existência obscura.*

*E nesse ar de tristeza e magoa que lhe vemos,
nós - homens fúteis e vazios - aprendemos
esta grande lição de alcance alto e profundo,
de que tudo é illusão e vaidade no mundo.
Por isso é que eu adoto essas cousas antigas,
que têm o ar grave e bom das pessoas amigas
(Causas antigas — Poesias)*

Ou em «Alma das velhas casas»:

*No silencio do posmeridiao grave e ardente,
entrei a velha casa, onde vivera outr'ora,
quando, ainda alma em flor e corpo adolescente,
era luz, era ardor, era sonho, era aurora.*

*A sala ampla e deserta, a varanda silente,
echoam do meu passo ao ruído e, frio agora,
o quarto onde dormia é lúgubre e dolente
e o terreiro ermo e nu de rosas não se enflora.*

*É secco o algibe. Chora urna rôla num galho.
Abro o velho portão. Galgo a estéril, maninha
gleba de morro, mal vestida de cascalho...*

*E desses que — ai de mim! Outr'ora: aqui viveram,
resta, pairando no ar, a alma triste e sozinha
das velhas casas cujos donos já morreram!*

E nestes últimos tercetos de «A velha Cathedral :

*Saias de tafetá e fardões de escarlata
enchem o templo donde um murmúrio se arranca,
entre a scintillação dos castiçaes de prata.*

*E na capella-mór, do incenso entre a espiral,
Dom Luiz de Ptolomaida ergue a mão fina e branca,
lançando ao povo a sua bençãam pastoral.*

Não ha duvidar: José de Mesquita é o poeta das evocações melancólicas e suaves do passado. Logre, embora, á força de talento, agradar em qualquer gênero, acha-se menos bem, ao vibrar a nota álcacre dos enthusiasmos, e quando empunha, por vezes, a tuba épica, sente-se-lhe algo do jovem David sob a panoplia grave de Saul.

O seu coração deve de se parecer, em alguma forma, áquelle cravo saudoso, de que nos fala o mestre illuminador das *Miniaturas*:

*Uma noite estendi a musica na estante,
E o cravo suspirou. Naquelle mesmo instante,
Da ebúrnea pallidez doentia do teclado,
Manso e manso, evolou-se o aroma do passado.*

José de Mesquita, comquanto moço, não é um novo: data de 1919 o seu primeiro volume de versos.

Nova, sim, é a poesia, com que nos elle hoje mimoseia. Alberto de Oliveira começou cantando as deusas e os mythos hellenicos, para acabar namorando as águas, as flores e toda a belleza nacional do Parahyba.

Deu-se o mesmo com o nosso poeta. Depois dos primeiros entusiasmos de artista, em que reclamava para si a ascendência espiritual da Grécia:

*A Hellade divina é certamente
o meu paiz de origem,*

canta elle hoje as «terras ancestraes» e a «terra do berço» :

*Terras distantes do ultra-mar..Burgos sombrios
da Ibéria, Braga, a heril, e Sevilha, a donosa,
espelhando-se ao sol, na placidez dos rios,
cheias de medieval belleza misteriosa.*

*Frias paragens da alva Irlanda altiva e crente,
verde Erin, que de sonho e martyrio se doura,
ó terras ancestraes, pátria de minha gente,
sinto por vós uma affeição immorredoura!*

A cidade natal, sobretudo, merece-lhe estrophes commovidas :

*Meu carinho filial e meu sonho de poeta
vêm-te, ó doce cidade ideal dos meus amores,
em teu plácido valle, entre collinas, quieta,
como um éden terreal de encantos seductores!*

É o caso ele felicitar a Matto Grosso e ao Brasil. Urge nacionalizar as nossas letras. E José de Mesquita dispõe de largos recursos para collaborar brilhantemente nesse patriótico programma. Não é um desses trovadores vulgares, que passam a vida a versejar as mesmas ideas e lugares communs, com meia dúzia de vocábulos poéticos. E um estudioso. Já é um erudito. E um pesquisador intelligente e infatigável dos nossos archivos. Cultiva, como poucos, o vernáculo. Prima tanto no verso como na prosa. E, o que mais importa, é um espírito superiormente orientado pelos ideaes mais nobres e puros. Passada a quadra em flor das illusões, em que levou também elle a sua oblata ás aras de Cythera, encara hoje, com rara clarividência e descortino, a grande missão da arte literária. O seguinte soneto, com que fecharemos a serie das citações, symboliza bem a alma dos poetas, tal como elle hoje a quer, na sobranceria do seu vôo e na candura intemerata das suas azas:

A Garça

*Pantanal. Água e céus. Solidão silenciosa.
Num remigio, a cortar as aguadas serenas,
vai a garça a voar, na tarde cor de rosa,
e da água escura á tona a aza lhe aflora apenas.
Passa e no limo objecto e na vasa asquerosa,
não se lhe mancha o alvor e a candidez das pennas*

*pois no voo subtil deslisa, donairoso,
sobre as águas de lodo e de impureza plenas.*

*Alma de poeta, sê qual a garça voando
sobre o vil atascal e sobre a lama impura,
olhos postos no azul, no ether sereno e brando...*

*Conserva teu ideal, tua illusão querida,
e não turves jamais das azas a brancura
no sórdido paul das torpezas da vida.*

Por tudo isto, é que me sinto feliz de que seja este o primeiro livro, em cujo frontispício, ao entrar para a Academia Brasileira, dá-se-me a honra de subscrever o meu nome, que embora de si mesmo insignificante, valerá, todavia, pelo prestígio official de tão alta investidura.

Bordo da Iguatemy, Junho de 1927.

† Francisco
Arcebispo de Cuiabá

Matto-Grosso Heroica

E me é agradável reconhecer que nenhuma lógica sceptica, nenhuma geral vulgaridade, falsidade ou aridez possa, em tempo algum, destruir ao seu influxo esta nobre e innata realidade, este culto dos heróes, que é profundamente humano.

(Carlyle, *Os heróes*)

Desdenhando do amor a paixão transitaria,
Que tem a duração de uma idade somente,
Minha Musa prefere evocar a memória,
Os feitos e as acções que honram a nossa gente.

(Cepellos, *Os bandeirantes*)

Canção mattogrossense

Descendentes dos fortes bandeirantes
que desbravaram o sertão natal,
em nossos peitos pulsam estuantes
esses grandes anhelos para o ideal.

Delles herdamos o denodo e a fibra
máscula e rija do heroísmo audaz.
Ante os perigos a nossa alma vibra.
Nenhum receio estremecer-nos faz.

Nas nossas veias corre sangue heróico,
temos a velha tempera ancestral
de Antonio João, humilde e obscuro estóico,
e Baptista das Neves, o immortal.

Florões de ouro nas paginas gravados
de nossa Historia, como iguaes não ha,
são Melgaço, Sará, Coimbra, Dourados
e mais Laguna, Alegre e Corumbá.

Da grande natureza a força haurida
nos faz desde crianças aprender
que a liberdade vale mais que a vida
e que o homem só é escravo do dever.

Terra amada, onde o céu é eternamente
azul, a selva verde, o campo em flor,
quem ante os teus encantos se não sente
cheio de crença, de esperança e amor?

És toda uma lição de força e alento,
a te estenderes, sob o céu azul,
dos pantanaes do Norte almo e opulento
às campanhas bellissimas do Sul...

Terra mattogrossense, une os teus filhos
num forte amplexo de amizade e paz,
para que ninguém mais offusque os brilhos
do teu destino esplendido e vivaz!

Os descobridores

(Século XVIII)

Vinham de muito longe aquelles sertanistas,
rompendo a selva espessa, a solidão bravia,
valle aberto em marneis, serra ouriçada em cristas,
rios e igarapés, sem descansar um dia.

Vinham de muito alem, em busca de conquistas
de índios e do ouro bom que nesta terra havia
e, destemido, o bando heróico de paulistas,
palmo a palmo, o sertão perigoso corria . . .

Traz dos coxiponés e do ouro e dos diamantes,
depois de muito esforço e lida foram dar
a Cuyabá, e, ali, os bravos bandeirantes

ergueram o arraial, entre as verdes collinas,
sendo governador o Conde de Assumar,
capitão-general de São Paulo e das Minas.

Civitas Mater

A Cuyabá

Meu carinho filial e meu sonho de poeta
vêm-te, ó doce cidade ideal dos meus amores,
em teu plácido valle, entre collinas, quieta,
como um Éden terreal de encantos seductores

Tuas várzeas gentis estrelladas de flores
sagram-te do sertão a Princesa dilecta
e o sol te elege, quando, em íris multicores,
na esmeralda dos teus palmares se projecta.

Nenhuma outra cidade assim á alma nos fala.
Dos teus muros senis a tradição se exhala
e a nossa Historia inteira em teu brasão reluz.

Ainda hoje em teu ambiente, ó minha urbe querida,
paira dos teus heróes a sombra estremecida
— nobre Villa Real do Senhor Bom Jesus!

A Serra dos Martyrios

Quando criança sempre ouvi falar
dessa serra bellissima e lendária,
empós da qual, numa ânsia tumultuaria,
muitos se foram para não voltar.

Deixavam o socego do seu lar,
em busca de riqueza visionaria,
e, padecendo dôr e angustia varia,
jamais a conseguiram vislumbrar!

E ria-me dos que, na faina obscura,
pela idealização que não se alcança,
sertões a dentro se iam, á aventura...

Mal via então — não fosse uma criança!
que levamos a vida na procura
da Serra dos Martyrios da esperança.

Novo bandeirante

Ao General Rondon

Foi isso ha muito tempo...Inda, incertas, fluctuavam
as; névoas da manhan que viu chegar Cabral
e em toda a natureza hymnos mil se alternavam
na apotheose de luz do amplo céu tropical.

Descobrira-se um mundo e, entretanto, a esse mundo
do mysterio envolvia o denso e escuro véu
e, esphinge a decifrar, ficava, ermo e profundo,
o infinito sertão sob o infinito céu.

Quiz, porém, o destino aqui nestas paragens
uma raça crear, ardente como os sóes,
que nas veias tivesse o sangue dos selvagens
e na alma a fibratura e o arrojo dos heróes,

um povo forte e bom, abnegado e lhano,
talhado a molde antigo, ousado, forte, audaz,
tishado pelo ardor do sol americano,
forte na lucta quão magnânimo na paz.

TERRA DO BERÇO

E começou, então, essa lide gloriosa,
o homem a conquistar a terra. Abre-se então
na nossa historia essa epopéa luminosa
das bandeiras fazendo a rota do sertão.

Aos poucos, palmo a palmo, a nossa virgem terra
foi mostrando, um por um, seus escrínios gentis
os thesouros sem fim que o seu sub-solo encerra,
activando a ambição em assomas febris.

É a pagina de luz que os velhos sertanistas
escreveram um dia, entre arrojios geniaes,
quando as grandes monções e bandeiras paulistas
descobrem Matto-Grosso e Minas e Goyaz.

Hoje que se passou esse cyclo brilhante
e que a voz do progresso — a civilização —
reboa no paiz, qual hymno triumphante,
dos valles ás rechans, da cidade ao sertão,

ainda existia, entanto, uma região bravia,
esplendida e feraz, á espera do valor
do denodado heroe que a desbravasse um dia
— e esse heroe fostes vós, egrégio luctador.

JOSÉ DE MESQUITA

Atravessando mil desconhecidas zonas,
entre riscos sem conta, impávido, a seguir,
do rico Matto-Grosso ao cáldo Amazonas
vós abristes a rota ás gerações por vir.

Accrescentastes mais um capitulo á historia
das bandeiras rasgando amplos sertões hostis.
Abra-se para vós o céu azul da Gloria,
pois que fizestes jus ás bençans do paiz !

O Braço de minha terra

Virtute plusquam auro

(No bicentenário de Cuiabá)

Bem notável contraste o que ora ostentas
em tua festa, ó minha terra amada!
porquanto hoje mais moça te apresentas
do teu terceiro século á alvorada.

Verde, do ouro do sol engalanada,
das mais singelas graças te ornamentas,
e falas mais a esta alma extasiada
do que o esplendor das urbes opulentas.

Deus para a gloria e para o bem te fade,
colmando-te de láureas peregrinas
e, num futuro de prosperidade,
faça que esplendam, com sublimes brilhos,
mais que o ouro a irradiar de tuas minas
as virtudes heróicas dos teus filhos.

Dourados

Episodio da invasão paraguaya em
Matto Grosso
(29 de Dezembro de 1864)

Dulce el decorum est pro Patria mori.
(Horacio, Odes. 111, 2, 13)

I

Tarde. No acampamento o silencio é profundo.
É a hora da sésta. O rio escachoando
apenas rompe a calma. O céu se arquêa, ao fundo
da paisagem, num tom azul, lavado e brando.

Dezembro, quasi findo, o mez almo e bemdicto,
trouxe com sigo a meiga orchastração dos ninhos,
reverdeceu o monte e o valle e no infinito
firmamento espalhou nuvens e passarinhos.

É ao tempo da cheia. O rio cresce e alaga
praias, grotas, vergeis, campos circumjacentes
e se estende em redor fertilizando a plaga
e se expande brutal, na força das enchentes.

Passara sem chover o dia todo. Ardera
o sol sobre a campina erma e despovoada.
Límpido, o céu azul sobre a terra estendera
o seu amplo docel de saphira dourada.

Ó campanhas do sul, que o écho guardaes vibrante
da epopéa sem par da invasão temerosa,
ó Serra do Amambahy, agua azul do Brilhante,
ligada para sempre á Historia gloriosa,

II

e tu, pequena e audaz colônia de Dourados,
salve, ó tu que nos deste, em sangrento baptismo,
essa consagração dos povos destinados
aos prélios immortaes da gloria e do civismo!

No céu de ouro e de anil a luz, lento, desmaia.
Lânguida a tarde cai e a sombra docemente
envolve tudo, o céu, a terra, o valle, a praia,
e no horizonte assoma o pallido crescente.

De súbito se nota um alvoroço insueto
percorrer e agitar a. colônia impassível.
Corre de bocca em bocca um murmurio discreto
e vai de rancho em rancho uma noticia horrível.

Alarma-se e, assustada, á rua corre toda
gente da povoação a commentar o factio
e a noticia se espalha e é o assumpto em cada roda
e eis que todos se põe a commentar o boato,

o logarejo sai da placidez diuturna
e se anima. Ao luar vê-se, por todo lado,
gente a falar. Quebrando a quietação nocturna,
vibra um som de clarim no espaço socegado.

O commandante, a par da noticia alarmante,
convoca a gente da colônia, estupefacta,
e faz-lhe ali saber que uma força assaltante
vinha marchando sobre a praça timorata.

Incita-os a depressa abandonar a praça...
Naquella mesma noite, as crianças pequeninas,
as mulheres e anciãos, receiosos da desgraça,
partiram, a fugir das hordas assassinas.

Quando o ultimo velho, encanecida a fronte,
sumira pela estrada erma, quieta e sombria,
o sol vinha dourando a fimbria do horizonte,
no, primeiro clarão indeciso do dia...

III

Foi então que o valente Antonio João se vendo
só com seus quinze — ó grande ironia da sorte!
quinze contra a legião ! — a morte já prevendo,
quiz, melhor do que a fuga e a rendição — a morte.

Quinze homens somente! E elles vinham sedentos
de sangue e de vingança, em ímpetos irosos,
na arremettida da invasão, feros, violentos,
cheios de estranho ardor e em bandos numerosos.

Quinze homens a querer se oppôr á onda bravia,
— grão de areia a tentar pôr diques ao oceano —
mas esperam sem medo e assim lhes corre o dia
nos aprestos da lucta, em um afan insano.

O emissário da Urbietta eis que chega intimando
a rendição da praça e já, bellicamente,
dispõe-se a imiga tropa a obedecer-lhe ao mando
de arrazal-a si, acaso, a achasse resistente.

Diante da intimação, sereno, firme, heróico,
responde Antonio João, num timbre decidido,
com um desdém que faria a gloria de um estóico
e num arrojo que jamais foi excedido:

“Morro, o sei, mas meu sangue e o dos meus
companheiros
hão de ser um protesto ante a invasão ousada! “
E foi... pois nesse instante aquelles brasileiros
encarnaram em si toda a Pátria ultrajada.

Rompe-se o fogo após... Forte fuzilaria
que uns minutos durou. E quando Urbietta, adiante
dos seus, entrou a praça, entre os mortos se via
um sorriso na face, o bravo commandante.

IV

Bella e sublime acção! Esses heróes souberam
mostrar á humanidade a insólita grandeza
do culto do dever que illeso mantiveram,
num gesto de espartana e máscula nobreza.

Martyres, vosso sangue é a rubra sementeira
de heroísmo, a abrolhar exuberantemente,
no solo virginal da terra brasileira,
através do porvir, em floração virente!

Heróes, a Pátria liga o vosso nome ao della,
perpetuando-o através de longínquas edades,
e elle ha de persistir na tradição singela
dos mais ínvios sertões ás mais bellas cidades !

Feliz terra à que aleita em seu robusto seio
estes nobres heroés de façanhas honrosas,
cujo peito de arrojo e lealdade cheio
sabe ser forte e bom, como as águias gloriosas!

Hoje, do céu da Gloria onde vive a sua alma,
Antonio João, o bravo e obscuro commandante,
parece repetir aquella phrase calma,
que é a synthese final de uma vida brilhante:

“Morro, o sei, mas meu sangue e o dos meu compa-
nheiros
hão de ser um protesto ante a invasão ousada! “

.....
E foi... Pois despertou, aos rudes trons guerreiros,
da lucta e da victoria a esplendida alvorada!

Symbolos

A Garça

*E vai com a vaza como pelo mundo
a alma do poeta sem manchar as pernas.*

Alberto de Oliveira

Pantanal. Água e céus. Solidão silenciosa.
Num remigio, a cortar as aguadas serenas,
vai a garça a voar, na tarde cor de rosa,
e da água escura á tona a aza lhe aflora apenas.

Passa e no limo abjecto e na vaza asquerosa
não se lhe mancha o alvor e a candidez das pennas,
pois no vôo subtil desliza, donairoso,
sobre as águas de lodo e de impureza plenas.

Alma de poeta, sê qual a garça voando
sobre o vil atascal e sobre a lama impura,
olhos postos no azul, no ether sereno e brando...

Conserva teu ideal, tua illusão querida,
e não turves jamais das azas a brancura
no sórdido paul das torpezas da vida...

Arvore Morta

Essa arvore que vês tão desolada,
secca, sem folhas, balouçando ao vento
os galhos nus, do albor da madrugada
ao decahir da tarde, ora ao relento

da noite, ora nos éstos abrasada
do meio dia tórrido, um rebento
jamais lhe nasce e vive abandonada,
naquelle fim de campo ermo e areento.

Na sua solidão relembra um dia
quando a fronde gloriosa aos céus erguia,
na apotheose dos ninhos e das flores. . .

Arvore morta! Em ti eu vejo a imagem
de uma terra que vive da miragem
de seus passados e áureos esplendores...

Águas batidas

Ó águas que correis encachoeiradas,
abafando entre pedras vossas maguas,
sais como as minhas dores recalçadas,
ó do Monjolo crystalinas águas!

Da lisa lage ás rochas empinadas
ides de encontro e como em rudes fraguas,
tal eu do curto gozo ás prolongadas
penas me vou, pois dentro d'alma trago-as.

O segredo da vossa limpidez
está nisso de serdes bem batidas
nas lapides por onde decorreis.

Assim tire eu das dores padecidas,
em força, em resistência, em altivez,
o mérito que eleva as nossas vidas.

Matto-Grossa evocativa

. . . uma pagina sempre aberta de um poema que não fui escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.

(Arinos, Burity perdido)

**Ah! quem te vira assim no alvorecer da vida,
Bruta Pátria, no berço, entre as selvas dormida,
No virginal pudor das primitivas éras . . .**

(Bilac, O caçador de esmeraldas)

Terras ancestraes

Si evoco a era passada, as pristinas edades
em que os meus archi-avós existencia tiveram,
acódem-me á memória as longínquas cidades
donde esses ancestraes ha longos annos vieram.

Terras distantes do ultra-mar... Burgos sombrios
da Ibéria-Braga, a heril e Sevilha, a danosa,
espelhando-se ao sol na placidez dos rios,
cheias de medieval belleza mysteriosa.

Frias paragens da alva Irlanda altiva e crente,
verde Erin que de sonho e martyrio se doura,
ó terras ancestraes, pátria de minha gente,
sinto por vós uma affeição immorredoura !

Vivo em vós e viveis em mim, terras queridas
de onde (ramos de um tronco a extranho clima um dia
transplantados) os meus em eras esquecidas
vieram, como vos quero, em minha fantasia!

E mais perto de nós ó terras adoradas
de Minas e S. Paulo, ó berço das bandeiras,
ó goyanos sertões, arraiaes e chapadas
que as velhas gerações palmilharam inteiras,

também vós me falaes enternecidamente
á alma sentimental de herdeiro de tal gloria
e sinto o coração pulsar suavemente
ao lêr o vosso nome em nossa rude historia.

É que esse coração provem de vós, proveio
de heróicas gerações de rudes bandeirantes
e o rio ha de lembrar eternamente o veio
de que um dia surgiu, entre lages distantes.

Ó terras ancestraes, eu vivo em vós e vejo
que vós viveis em mim... Mas penso, sempre, a sós:
— Não vos conheço e nem conhecer-vos desejo.
Quero manter intacto o meu amor por vós.

A velha Cathedral

I

Velha e bi-secular igreja que ainda attestas
de nossa gente antiga a alma rude e piedosa,
quando te ergueu de palha e paredes modestas
a humilde devoção de Jacintho Barbosa.

Horas de amor, horas de paz, horas funestas,
tudo aqui veio ter, na aza da prece ansiosa,
ao álaçre rumor dos teus sinos em festas
ou ao mésto planger da campá lacrimosa.

Quanta vez evoquei, na mystica penumbra,
Frei Pacifico a alçar a hóstia do sacrificio,
á hora em que o céu de rosa e perola se alumbra!

E ouvia, entre a legião dos fortes bandeirantes,
passar, como entre a selva a brisa num bulício,
a prece, a lhes afflar nos lábios supplicantes...

II

Vejo-os lentos passar, em theoria obscura,
á refração do amplo vitral, por entre as naves,
ao som do organ dolente a encher o ar de doçura,
— tal, pela tarde morta, um vôo lento de aves...

João Marcos, dourador, a te compor a pura
linha do altar e a dos retabulos suaves;
Padre Aranda dirige a obra de architectura,
e Padre Duarte te ergue a torre, em linhas graves.

Saias de tafetá e fardões d'escarlata
enchem o templo donde um murmúrio se arranca,
entre a scintillação dos castiçaes de prata.

E na capella-mór, do incenso entre a espiral,
D. Luiz de Ptolomaida ergue a mão fina e branca,
lançando ao povo a sua bençam pastoral.

Tapéra

**Testemunhas da força, da grandeza,
da riqueza e do trabalho que o
passado não pode sustentar ou
prover. Pedras disjuntas, telhas
esparsas e quebradas, vigas desfeitas
em pó. Tapéra que ilustra ou
desdenha a Chronica!**

(A.Rangel, *Lume e Cinza*)

Velha relíquia de eras passadas,
quantas lembranças no seio abrigas!
As tuas ruínas abandonadas,
cobertas de heras, picões e urtigas,
vêm evocar-me toda uma idade
feliz e calma que, actualmente,
só vive em minha funda saudade,
triste e dolente.

Daquellas arvores sob as frondes
quantos sorrisos não gorgearam !
Quanta ventura perdida escondes
nessas paredes que desabaram,

triste tapéra que as pobres flores
de são-caetano vestem somente,
do sol de agosto sob os ardores
e ao luar albente!

Era um engenho. E hoje é tapera.
Abandonaram-no os habitantes
e elle, de alegre, ruidoso que era,
de povôado que fôra d'antes,
hoje é deserto... Somente resta
daquella vida de antigamente
a arvore velha, na grande festa
do sol ardente...

Mas essa mesma já carcomida
ha de por terra tombar em breve...
Única sombra triste e esquecida,
que ainda o passado lembrar se atreve...
Ah! que, incapazes, nós não possamos
sondar as dores que a arvore sente,
expressas nesse mover de ramos
quasi consciente!

Ao que dizemos dôr, pena enorme
resta o consolo da confiança.

E a dôr que na alma das cousas dorme
de que nem mesmo temos sciencia?
Essa é a tristeza maior, decerto,
a dôr mais funda, cruel, pungente,
— eco perdido no ermo deserto,
vasto e silente...

Pobres taperas abandonadas,
como a vossa alma triste comprehendendo!
E si vos vejo, pelas estradas,
que, a passo lento, vou percorrendo,
doce amargura minha alma invade,
e evoco a meiga visão dolente
de uma. formosa, perdida idade,
na minha mente...

A cruz do morro

No alto do morro erguida abria os longos braços
uma grosseira cruz de madeira que outrora
alguém plantára ali, dominando os espaços
e o sertão que se estende oito léguas a fóra.

Quanta vez, perto della, os garimpeiros lassos
descansaram, á ardente, á meridiana hora!
Do verão os cruéis e affrontosos mormaços
e os temporaes do inverno ella os sentiu. Agora,

carcomida tombou. . . . Ao passar, não a vendo,
eu me deixei ficar pensando amargurado
num passado que vai já desaparecendo,

porquê para o meu sonho era como si inteiro
o doce encanto bom dum remoto passado
arrastasse comsigo esse velho cruzeiro. . .

Romance esquecido

Ali na volta da estrada,
da rechan ao fundo umbroso,
com ares de abandonada,
ha uma casinha caiada
e de um aspecto saudoso...

Quem vai beirando o caminho
a enxerga antes de chegar,
silenciosa como um ninho,
sem morador, nem vizinho,
nem letreiro de alugar.

Deserta completamente,
contudo, nella se via
signal de que, ha pouco, gente
nella morava e, ainda rente
á cerca, um jardim floria . . .

Aquella triste casinha
tem uma lenda de amor. . .

Uma linda moreninha
ali morava e, á tardinha,
á hora meiga do sol-pôr,

vinha postar-se á janella
toda cheia de saudade. . .
Talvez que esperasse ella
um príncipe de novella
formoso e na flor da idade...

Mas o príncipe não veio.. .
Ella esperou, esperou. . .
Debalde, porem, seu seio,
offegando em doce anseio,
por longos dias pulsou . . .

Ainda hoje quem visitasse
essa rústica morada
veria a sombra fugace
daquella formosa face
de leve magua ennublada,

á janella do poente,
pelas horas do sol-pôr,
scismando enlevadamente

no seu doce bem ausente,
no seu romântico amor...

Janellinha de vidraça
aberta para a explanada,
na tua singela graça
quanta saudade perpassa
dessa moça enamorada!

Casinha branca e singela,
vendo-te, á noite, ao luar,
a gente recorda aquella
moreninha meiga e bella
que ali ficava a scismar . . .

Quem — ai! houvera sabido,
menina! na tua idade
entender teu dolorido
coração incompreendido,
cheio de amor e saudade?

Uma tarde triste e fria
viu-a de casa partir. . .
Vestida de noiva ella ia. . .

E a sua physionomia ia,
plácida, a sorrir. . .

Mas o noivo, onde é que estava?
Ninguém o viu, certamente.
Talvez, bem longe a esperava...
Nesse dia se fechava
a casinha tristemente...

E hoje, ao vel-a, commovido,
pareceu-me ver, talvez,
um velho romance lido
ha muito tempo, esquecido,
e que se lê outra vez...

Diamantino

Silencio e calma. O crepúsculo desce
sobre a paisagem tétrica e silente.
O valle, entre altos morros, esmaece
no violeta pallido do poente.

Das velhas lavras ergue-se uma prece.
A alma de uma outra idade erra no ambiente.
E o velho Ribeirão de Ouro emmudece
entre as lages seu pranto alto e dolente.

*Silencio e calma. Um doce mysticismo
a alma nos unge de poesia agora ...^(*)*
E quando em teu passado altivo scismo,

sinto que este contraste em mim se aviva:
rica villa, sumptuosa e bella, outr'ora,
hoje és triste cidade evocativa...

(*) Nota de pesquisa:
Trecho reproduzido no Romance “A SOMBRA DO ARCO-
IRIS”, Malba Tahan, 3º Vol., 10ª Edição, Ed. Conquista, Rio de
Janeiro, 1959, pg. 517.

O Cruzeiro da «Aldeia Velha»

Eil-o á margem da estrada, á orla do campo erguido,
tosco, abrindo-se ali, como si do planalto
ao sol, fosse elle um marco entre a região do Olvido,
no negro da madeira a imitar o basalto.

Vêl-o é tudo evocar desse tempo esquecido,
cuja gloria e louvor em meus versos exalto.
Tem por sócco a alta serra e docel estendido
é lhe o céu plumbeo ou azul, de saphyra ou cobalto.

Abre-se-lhe em redor a flor rústica e pobre
do gerbão e ali junto a virgem cabeceira
do Coxipó-Mirim entre o cangal se encobre.

E a alma do que o erigiu paira no ambiente rudo,
canta na água a escachoar, brilha na luz fagueira,
de um perfume subtil embalsamando tudo. . .

O Tarumeiro

Como te quero, ó doce arvore amiga,
cuja sombra suave e carinhosa
á hora da sesta cálida me abriga
da soalheira ríspida e impiedosa!

Nos teus ramos heráldicos e nobres
toda a belleza vegetal ostentas
quando, gloriosa e viride, te cobres
de deliciosas fructas sumarentas.

O louro rei das celíacas alturas
oscula-te primeiro quando nasce
e, ás caricias do sol, te transfiguras,
como a um beijo de amor feminea face.

As ventanias te sacodem quando
pelas de outubro noites tenebrosas
passam nos descampados ululando
como feras famélicas e irosas.

Vestem-se, entanto, os tuas ramarias
de um verde gaio matizado e lindo

e de flores violáceas te atavias
como anunciando os fructos que vêm vindo.

Depois o outono vem, fecundo e doce,
cheio de seiva forte e de saúde,
que te embalou a infância alegre e trouxe
aos teus galhos o ardor da juventude.

Esse outono gentil que viu, um dia,
os teus primeiros fructos pequeninos
sazonarem-se ao sol que te sorria,
quando os meus bisavós eram meninos.

Ainda hoje vemos nos teus verdes ramos
o mesmo ésto febril de mocidade
e ainda formosa e rija te encontramos,
na gloria forte da fecundidade.

Como te quero, velho tarumeiro,
a cuja sombra amena e perfumada
muito sonho ideei, ledó e fagueiro,
da minha adolescência na alvorada!

Uma inscrição, sequer, lobrigo teres,
mas para mim é como si te visse

todo cheio de nomes e dizeres,
que a saudade em teu cortex inculpisse.

Que estupenda lição em ti se aprende
de força e de energia para a vida!
Alta philosophia em ti resplende,
ó Arvore da Sciencia renascida !

Em ti se aprende a amar a vida e em cada
ramo dos teus ha um hymno á Natureza.
Eu leio em tua fronde alta e copada
toda a gloria do Amor e da Belleza.

Mas eu te quero mais e te amo quando,
na tristeza das tardes de janeiro,
te vejo as folhas seccas revoando
ao vento frio, ó velho tarumeiro!

Sinto que as tuas folhas e os meus versos
têm o mesmo destino, que consiste
em reflectir, nos prismas mais diversos,
a angustia universal, profunda e triste.

Arvore pelo outono desfolhada,
alma desilludida pela vida,
é tudo o mesmo, aquella amargurada

pena pelo Universo repartida!

Quando um dia, ao clarear a madrugada,
te vir por terra, morta finalmente,
hei de te amar ainda, arvore amada,
na apotheose do sol resplandescete,

pois tombada, afinal, ao desabrigo
dos estios e inveínos malfazejos,
ainda os beijos do sol, teu velho amigo,
dar-te-ão o alento dos primeiros beijos.. .

E ainda continuará tua existência,
em novas fôrmas múltiplas, variadas,
em flor, madeiro, luz, resina, essência,
nuvem da tarde, frescas orvalhadas . . .

O mysterio da vida é tão obscuro
como o da morte — arvore ancian e rude —
serás, talvez, num próximo futuro,
um thalamo nupcial ou um ataúde...

Eis porque te amo, ó doce arvore amiga,
e porque em teu exemplo assim me espelho,
tu, que conservas toda a força antiga
nesse teu tronco sobranceiro e velho!

A alma das velhas casas

No silencio do pósmeridio grave e ardente
entrei a velha casa onde vivêra outr'ora,
quando, ainda alma em flor e corpo adolescente,
era luz, era ardor, era sonho, era aurora.

A sala ampla e deserta, a varanda silente,
echoam do meu passo ao ruído e, frio agora,
o quarto onde dormia é lúgubre e dolente
e o terreiro ermo e nu de rosas não se enflora.

É sêcco o algibe. Chora uma rola num galho.
Abro o velho portão. Galgo a estéril, maninha
gleba de morro mal vestida de cascalho. . .

E desses que — ai de mim! Outr'ora aqui viveram
resta, pairando no ar, a alma triste e sosinha
das velhas casas cujos donos já morreram!

Sinhá Violante

I

A requesta

Filha rica e gentil de senhores de engenho,
dona de sangue azul, netta de bandeirante,
esta cujo perfil nos meus versos desenho
acode ao medieval nome de Violante.

Andam-lhe á roda e em vel-a sempre põe empenho
um rico mercador e um official galante
e até mesmo o Ouvidor, velho taful, gamenho,
ronda-lhe os passos, procurando-a a cada instante.

É a mais bella mulher nascida nestas minas
e, quando vem da serra á villa, a rapaziada
se esmera em attrahir-lhe as vistas peregrinas.

Ella, porem, formosa, altiva, indifferente,
passa como a visão de uma lenda encantada
esperando, quiçá, por um príncipe ausente...

II

O psalterio

Nívea flor de belleza e de fragilidade,
Violante aspira, entanto, algo de grandioso,
e o olhar que se lhe cõa, ardente e luminoso,
entre os cílios, delata uma estranha ansiedade.

Todo o seu débil sêr pequenino e nervoso
é uma viva expressão de energia e vontade.
Criada com carinho immenso, quem não ha de
submetter-se-lhe ao jugo altivo e caprichoso?

Alma de artista, quando os seus dedos desferem
as cordas do psalterio, á luz do luar, na calma
das noites do sertão, que corações não ferem?

Insensível, ao emvez, o seu não vibra mais,
desde que viu morrer esse a quem deu sua alma,
na rude guerra contra os féros Payaguás!

III

No «engenho»

Com a noite que desce entra o recolhimento
a tornar mais tristonha a solidão da serra.
Farfalha o laranjal ao perpassar do vento,
e os véus da cerração amortalam a terra.

Immerso no silencio e na paz de um convento,
o velho casarão de um aspecto que aterra
se envolve no burél crepuscular cinzento
que infinita saudade e dor profunda encerra.

Ao luar que entenasce o velho «engenho» dorme.
Correm sombras na paz soturna da «senzala»
e apenas o «acauan» quebra o silencio enorme.

Violante vê fugir os seus momentos breves
junto da velha avó que, na deserta sala,
gyra o fuso subtil entre os seus dedos leves...

IV

A cadeirinha

A alva cabaia sobre a tez cor de açucena,
toda a irradiar beleza, ao fulgor dos lavrados,
eis Violante que volta agora da novena
na «cadeirinha», ao oscillar dos cortinados...

No coxim reclinada, esplendida e serena,
levam-na, em lenta marcha, escravos bem trajados.
Brilha um «trepa-moleque» á cabeça pequena,
sobre o negrôr dos seus cabellos annelados.

Passa na sua farda azul broslada de ouro
um capitão das ordenanças, alto e louro,
que entrepara e a acompanha, os olhos postos nella.

A «cadeirinha» estaca á porta de um sobrado
na «Cruz das almas» e ella, em passinho apressado,
salta, o manto a velar-lhe agora a face bella...

V

Noite de luminárias

Toda a Praça Real arde nas luminárias.
Noite de festa e gala. A villa vibra e goza.
Gente de toda parte e condições mais varias
vê-se ali divertindo, em confusão pasmosa.

Rudes espadachins de feição bellicosa,
fidalgos, «homens bons» e miseráveis parias,
tudo afflue a esta festa álaçre e estrepitosa,
que vai tomando proporções extraordinárias.

Exulta Cuyabá em festa pois chegado
é o Senhor General com sua comitiva,
na monção que aportou ha pouco de povoado

Só Violante não ri, antes põe-se a evocar,
em meio do rumor e alegria festiva,
aquelle que partiu para não mais voltar...

VI

As núpcias de Violante

Por um dia de Maio, ao sol que reverbera,
Violante partiu para o paiz do sonho.
Vago luar do céu lhe adeja no tristonho
olhar semi-cerrado em que o Mysterio impera.

Do mundo seductor ao vórtice medonho
bem cedo desertou quem do mundo não era
— flor que murchou quando raiava a primavera;
ao abrir da manhan do seu dia risonho...

Camaristas gentis de cabelleira empoada
sobraçam-lhe o ataúde em marcha compassada,
e, entre as flores da serra, em sua branca veste,

a villa vê passar, a caminho da egreja,
aquella noiva, á luz dos círios que flammeja,
para o thalamo ideal do seu noivo celeste...

Matto-Grosso pinturesca

Te voilà, doux pays, témoin de ma naissance, Voilà tes champs, tes prés, tes ombrges épais, Et ton fleuve si pur et tes vallons si frais!

(C. Loyson, *L'air natal*)

Mas quem, sábio ou artista, não encontraria ampla mésse a fazer naquelles campos maravilhosos?

(V. de Taunay, *A Retirada da Laguna*)

Impressões e Paisagens

O ângelus do sertão

Tarde. Pleno sertão. No imenso descortino do horizonte em que a serra ao longe se perfila, num mixto de violeta e ce. azul turquezino, desce a sombra por sobre a paisagem tranquilla.

Na sugestão do calmo ambiente vespertino urna angustia sem nome em nossa alma se instilla. Fecha da várzea o amplo tapete esmeraldino a linha senhorial dos buritys em fila.

Aves passam pelo ar ruflando azas ligeiras. Sob a rústica ponte o córrego adormece. E enquanto a noite negra envolve a solidão

vem dos cerrados, das baixadas e capoeiras, o piar das nhambus tão triste que parece o ângelus merencório e doce do sertão.

Beira de rio

Nunca me ha de esquecer a beleza, a poesia dessa beira de rio, azul, ao sol radiante, em que dias passei repletos de alegria, na minha adolescência em flor, linda e distante!

A risonha sação florígera corria. Longe ia a cheia atroz ... Era pela vazante. E a safra de um olor misterioso embebia o ar todo a trescalar a mel puro e fragrante.

O “Morrinho” no azul seu vulto delinêa, e a praia é fulva, ao sol, e o cannavial ondêa, da várzea para alem, num suave pendor...

E eis-me a ver, a alma inerte e lânguidos os músculos, incendiarem o poente os rubidos crepúsculos e baixar o luar do céu todo esplendor ...

Vivenda ideal

É uma bella casinha alcandorada
do morro verde na eminência alpestre,
tal nívea flor ali desabrochada
entre a vegetação rude e silvestre.

Tão longe fica, fóra assim da estrada,
que só a attinge quem da estrada é mestre,
e é um retiro de paz está morada
a dominar a solidão campestre.

Decorre entre alegrias a existência
de quem nella reside e que á belleza
do lar póde alliar a da consciência...

E cá fóra, em torturas, a nossa alma
sempre a buscar, longe da natureza,
mentida paz e enganadora calma!

Noite na Serra

No céu pallido e triste a lua fria
derrama a sua luz por entre a bruma
e, como um cysne entre argentada espuma,
voga entre a névoa branca que irradia.

O fosco luar o espaço todo esfuma
de uma coloração baça e sombria.
Na solidão uma ave triste pia,
numa canção que maguas mil reçuma.

Lá no fundo do valle silencioso,
onde uma tropa veio fazer pouso,
ha ruídos de cincerro chocalhando ...

A água do ribeirão flue docemente.
E é cada vez mais triste o luar albente
que a lua do alto céu vai derramando...

Flor do matto

Eu sou a flor do matto, a flor pobre e singela
que abre á margem da estrada, aos beijos do sol nado;
eu sou a flor sem nome, a flor humilde, aquella
que sorri, linda e meiga, á beira do cerrado.

Vago raio de luz corou-me, fez-me bella.
Nunca veio oscular-me o colibri dourado
mas sim a borboleta azul, branca ou amarella
que vive a voltejar pelo campo orvalhado...

Jamais Linneu algum logrou classificar-me,
nem em vaso de bronze ou fina porcelana
flori, nem fui cantada em rico e nobre carme...

Mas tenho a luz do sol, da tarde as auras frias,
as caricias da lua, os beijos da serrana
e o infinito do céu nas pétalas macias!

Primeiros frios

A lua fina sobe entre os coqueiros.
A tarde é fria; o céu profundo e escuro.
O vento agita os ramos altaneiros
que se debruçam sobre o velho muro.

Da hora crepuscular aos feiticeiros
effluvios me furtar em vão procuro.
É mais pallido o verde dos canteiros
e o aroma dos jasmims mais leve e puro.

Por sobre os tectos baixos e sombrios
desce o luar de junho e envolve a terra
em extranhos reflexos fugidios.

E a névoa, ao longe, o branco véu descerra
como a cingir, em longos arrepios,
os flancos virginaes da grande Serra.

Vida rústica

Diluculo. No céu de perola e lilaz
a sombra vai morrendo e a luz já doura o oriente.
Abro a minha janella á paizagem dormente,
na doce quietação das estâncias ruraes.

Aqui mais vivo é o sol e o céu amanhecendo
tem mais límpido azul e mais serena paz.
Ha orquestras de curiós, concertos de sabiás,
no theatro da selva á luz do sol nascente.

Saio e sôrvo em caminho o ar saudável do campos,
respiro o doce olor inebriante que exalam
as flôrinhas gentis atapizando o chão.

E ao fim da várzea aberta aos grandes céus escampos,
Ouço, tal como um éco aos sonhos que me embalam,
o soturno escachôar da água do ribeirão...

Tarde de verão

Tarde linda esta de hoje! Já fazia
tempo que tarde assim os céus dourasse.
Passou, porem, do inverno a quadra fria
e o firmamento novamente a face

mostra limpa de nuvens... Principia,
no ouro do poente esplendido e vivace,
o zizi das cigarras na agonia
das tardes rubras do verão que nasce.

A várzea enxuta esplende ao sol. O mangue
secco se adorna de uma parasitas
de um vermelho retinto cor de sangue.

E á hora do pôr do sol, nas derradeiras
linhas do campo, alongam-se, esquisitas,
as esguias silhuetas das palmeiras...

Chapada

Ar leve, céu azul, virentes campos
que aos grandes ventos do planalto ondulam;
mattas por onde — diurnos pyrílamos —
do sol os raios fulvidos pullulam;

cerrados em que se abrem fructos lampos;
caapões em flor que entre os plainos se insulam;
águas nascentes a que os céus escampos,
num bucólico idyllio, do alto osculam...

Ó sítios da Chapada em que tudo isto
gozei e o mundo, como um sonho fosco,
vi, entre as névoas, vagamente visto,

— força me é neste instante vos deixar,
na dôr de não poder ficar comvosco
e nem poder commigo vos levar!

A Passagem do nocturno

Noite. Céu constellado. Um murmúrio brando
vem do rio a fluir quasi insensivelmente.
Por tudo o luar estende o seu manto clareando
a villa, a matta em torno e a solidão ambiente.

No alto — silente nave o mar azul singrando —
vai, a lua a boiar no grande céu dormente.
A doce via-láctea esplende e, fulgurando,
estrellas, aos milhões, rebrilham docemente.

Tudo dorme e repousa. Ha pelo espaço o aroma
forte da seiva. Alem, numa baixada, assoma
o vulto do comboio á luz da lua cheia.

Apita. Chega. E logo, estridulo, ferindo
a noite com seu silvo afasta-se e, fugindo,
some-se ao fim da estrada alva que o luar prateia...

Natal sertanejo

Dezembro expira. O céu e a terra
têm um novo vigor e nova vida.
Parece que se anima e se avigora
a natureza rejuvenescida.

Ha mais viço e mais seiva na floresta,
mais verdor e beleza pelos campos
e uns rumorejos álacres de festa
sob o vivo fulgor dos céus escampos.

Os riachos de seixos alvadios,
as montanhas toucadas de verdura,
os lagos que se anilam e os sombrios
desvãos da matta e a fonte clara e pura,

tudo, o palmar e a rosa que o seu calix
abre ao bafejo tépido da brisa,
as rechans, os grotões e os ermos valles
por onde o rio, a escachoar, desliza,

tudo, o céu que desdobra rutilante
o seu broquel eneo e azulado em cima

da paisagem formosa e exuberante,
e a selva verde, majestosa e opima,

e o rio que na enchente vai crescendo,
a espriar-se nas margens alagadas,
e os caminhos, por onde vêm rangendo
os carros, no frescor das madrugadas,

tudo parece que ora se renova
e das flores ao rubro das celagens
ha como que uma tinta forte e nova
na variada beleza das paisagens...

Natal... Natal... Formosa quadra amena!
Como que um novo sol nos illumina...
E evocamos na mente a linda scena
do primeiro Natal, na Palestina.

Mas, certo, se Jesus actualmente
tivesse neste mundo de nascer,
este recanto de sertão ridente
por sua Pátria houvera de escolher. . .

Diante de uma tela

Que mão hábil de artista consummado
soube pintar, num quadro tão pequeno,
este painel que eu fito enamorado?

É uma paisagem. Céu limpo e sereno,
céu brasileiro, azul, immaculado,
ar puro do sertão, fresco e ameno.

O solo é tapizado de verdura
em que brilham as perolas do orvalho
que ali depositou a noite pura.

De um cajázeiro novo sobre o galho
um sabiá... A várzea verde escura
corta-a a fita vermelha de um atalho.

O rio encachoeirado, rumoroso,
desce, da ribanceira entre os fragedos,
carregando, no seio tumultuoso,

camalotes e troncos de arvoredos...
E na praia um casal novo e formoso
vai trocando de amor doces segredos

todo entregue ao seu êxtase amoroso...

Bilhete da chácara

A vida que levo aqui
nesta chácara é tão calma
que não sinto peso n'alma
senão saudades de ti.

Accordo com a luz da aurora,
com os passarinhos e o só!
e, á luz dúbia do arrebol,
saio pelo campo afora.

Esta briza humedecida
da orvalhada da manhan
faz a gente alegre e san,
nos dando o gosto da vida.

Não ha no mundo doutores
nem medicina melhor
que este aroma que, em redor
daqui, espalham as flores.

O rio azul e dourado,
com seus reflexos de estanho,

está convidando ao banho
alegre, á luz do sol nado.

Borboletas mil revoam,
numa chusma multicolor,
e de azas de toda a cor
o espaço em torno povoam.

Aves prorrompem em gritas
pelas arvores visinhas
e cacarejam gallinhas
na ampla sala de visitas...

Á tarde saio a passear...
Que passeios divertidos!
ficamos tão entretidos
que voltamos com o luar...

Durmo como um homem justo
que não conhece a maldade,
um grande somno de abbade,
sem um sonho, sem um susto...

Ora, dize-me, esta vida
não é uma vida ideal,

um Paraizo terreal,
sem a fructa prohibida?

Corre ella tão doce e plana
que por mim outros a contem...
Custa-me crer... Cheguei hontem...
E já faz uma semana!

Mas, como não ha completo
prazer, eu, longe de ti,
soffro do anseio discreto
de que estivesses aqui...

Sol com lua

Descamba o sol para o poente.
Em véus de sombra a noite cai.
E pelo espaço tristemente
um sino em lagrimas se esvae...
E o som soturno e padecente
no ar doce e calmo echoando vai.

Aquella voz triste e plangente
resôa no meu coração
como si fôra o som dolente
de enxada a abrir no frio chão
a sepultura funda e algente
de minha ultima illusão.

Na longa estrada, erma e silente,
abrem-se, ao rubido arreból,
as bôas noites cor do poente
roxo em que vai morrendo o sol.

Vesper assoma, refulgente,
tal, no alto mar, vago, um pharol...

Ao lusco-fusco, suavemente,
um sino plange devagar...
E aquelle som doce e plangente,
parece vir nos convidar
para as exéquias do sol poente
ou o nascimento do luar...

Coxipó

Na chácara... Sómente
A cantiga nostálgica e vadia
das cigarras povoa a solidão dormente.
E, a sós, evoco e scismo e, em minha phantasia,
passam claras visões de paz e de alegria...

A casa adormecida
tem o aspecto soturno de vivenda
de ha muito abandonada e erma e nua e esquecida...
Jaz do terreiro ao meio a silenciosa moenda...
Paira por tudo um ar mysterioso de lenda.

Da janella olho o espesso
mattagal que viceja á orla do rio
e a sinuosa vereda, alem, por onde desço
ao banho, de manhan, á hora em que o vento frio
põe da água na epiderme um lânguido arrepio.

Entre os sarans da praia,
sem correnteza quasi, docemente,
por entre o cannavial de folha verde e gaia,

TERRA DO BERÇO

flue o rio a rolar as águas lentamente.
sobre o leito de areia e pedra, alvo e luzente.

Junto a este tronco enorme
que ha dois passos da margem se depara
e que de longe imita um jacaré disforme
que a fauce ameaçadora e horrível escancara,
fica a praia de banho, a praia linda e clara.

Cedo quando a alvorada
mal começa a dourar a verde serra
e no tamarineiro accorda a passarada,
á hora em que a ultima estrella os meigos olhos cerra
e um suave vapor envolve a virgem terra,

eis descem para o rio
as mulheres num bando alegre, rindo,
os pés nus a esvoaçar sobre o gramado frio,
emquanto se refracta o sol que vem surgindo
por sobre o espelho azul do rio calmo e lindo.

Nem sombra de desgosto.
Faz-se manhan na alma e na natureza
— uma dessas manhans luminosas de agosto...

JOSÉ DE MESQUITA

Colhereiras a voar, á frol da correnteza,
esfloram levemente a liquida turquesa.

Passam, mal nasce o dia,
innumeras canoas carregadas:
peixe, leite, capim, trabalhos de olaria...
Um homem musculoso á proa vai remando...
Outro á popa, deitado, uma canção entoando...

Assustadas daquillo
as banhistas abrigam-se, medrosas,
entre o verde saran, até que ao ar tranquillo
volte a doce soidão, e eil-as, então, formosas,
de novo na água clara immergem-se ruidosas.

Da deserta janella
ouço-lhes as alegres casquinadas.
Desta distingo a voz, os gritinhos daquela...
Vejo-as que vêm, por fim, tão frescas e orvalhadas,
como flores do campo abertas nas estradas...

Com pouco o sol na altura
do zenith se eleva e a sesta ardente
convida a repousar da rede na frescura,

TERRA DO BERÇO

ou em meio ao caapão, em leito amplo e virente,
sob a cúpula azul do céu resplandecente.

É a hora da merenda.

Oh! como sabe bem áquella hora
a garapa aparada ao pé da rude moenda,
ou a laranja que o sol dulcifica e colora
apanhada no pé que o sereno inda irrorá!

Mas eis que a tarde langue
já põe seu véu de viúva sobre a fronte.
Tinge-se o poente de lilaz e cor de sangue.
Passam aves revoando... Estreita-se o horizonte.
E a lua pallida ergue o rosto atraz do monte.

Á noite, que doçura,
que paz, que encanto, que tranqüilidade,
na ampla varanda silenciosa e meio escura!
Como perto dos seus, longe da sociedade,
se crê ainda no amor e na felicidade!

JOSÉ DE MESQUITA

E agora que somente,
a cantiga nostálgica e vadia
cigarras povoa a solidão ambiente,
a sós, evoco e scismo e, em minha phantasia,
passam claras visões de paz e de alegria...

Tipos e Figuras

O Carreiro

Brilha no céu escuro o primeiro lampejo
da aurora. A solidão do ambiente sertanejo
começa a se animar. A serra alem se esbate,
ao fundo do horizonte, em perola e escarlate.

Na doce ante-manhan vibra um suave harpejo.
Tinge o cariz do céu leve rubor de pejo,
pondo meigo clarão no oriente de ouro mate,
qual tinta que na tela humida se dilate.

Amiudam-se ao longe os cantos matutinos
dos gallos — menestréis dos ermos campezinios
e a várzea, e o brejo, e a matta á luz tudo fulgure.

Já presto eis o carreiro, em sua faina dura,
encanga os bois e segue, ao chio rangedor,
entre o céu todo em sol e o campo todo em flor.

A Caipirinha

Elle viera passar ali um dia,
um dia por acaso certamente...
Partiu sem um pezar, alegremente,
quando a noite nostálgica descia.

Mal se falaram... No entretanto, viva
lembrança ella guardava delle e, agora,
sem se explicar porquê toda se cora
si essa recordação alguém lhe aviva.

Fica-se, ás vezes, Uma hora inteira
na janella do oitão, triste e silente,
olhando a estrada larga, ao sol ardente,
fechada pela rústica porteira.

Fica a olhar e a scismar que elle, decerto,
nem pensa nella, pobre caipirinha,
pois, moço da cidade, elle já tinha
alguma outra mais bella lá por perto...

E os seus olhos procuram pela estrada
alguém que venha, alguém que se pareça

com elle e assim se fica até que desça
de todo a noite tépida e estrellada...

Eil-a a fitar a noite ampla e infinita...
Mas, de súbito, cheia de receio,
sente que lhe palpita o lindo seio
por sob a blusa azul que o vento agita.

Ella se vê já quasi moça e bella...
E vem-lhe um vago, um tímido desejo:
estende os lábios procurando um beijo
e beija o vidro frio da janella...

Sente-se tão tristonha e abandonada,
naquelle instante de indizível magua...
E lança os lindos olhos razos d'água
pela deserta escuridão da estrada...

Elle não virá mais, diz-te a consciência,
mas ficas a esperar — pobre criança!
O amor é essa miragem da esperança,
no infinito deserto da existência...

Negro velho

Velhinho, barba intonsa e encanecida,
muito tremulo e débil vai vivendo,
como uma luz que morre e, ainda morrendo,
lembra no ultimo brilho toda a vida.

Na sua mente de nonagenário,
incerta já, vive um longo passado.
E eil-o a desfiar as contas do rosário
das saudades, que o deixam enlevado.

Perpassam-lhe na idéa, meio vagas,
as lembranças da alegre mocidade,
sua terra natal, em longes plagas,
onde aprendeu a amar a liberdade.

Vê-se após, já captivo, os grandes mares
Sulcando, em busca de remotas terras,
e assomarem, ao longe, entre os palmares,
os campos verdes e as altivas serras.

A vida alegre e boa da fazenda,
os milharaes debruços sobre o rio,
o estridente rangido da moenda
e o verde cannavial, fresco e sombrio;

no alvorecer das madrugadas frias,
carros de bois pelo caminho, enquanto
os sinos das pequenas freguesias
espalhavam pelo ar seu doce canto;

e as noites de luar em que o tropeiro
gemia os seus “chorados” amorosos,
ao som da meiga viola, no terreiro,
— tudo assoma aos seus olhos tão saudosos...

E, elle imagina — pobre phantasista !
que, ao clarão ainda pallido da aurora,
á porta larga da varanda, avista
Sinhô grande a fallar lhe como outrora;

e dando áquella scena um ar de graça,
julga estar vendo, plácida e bonita,

a sorrir-lhe, por dentro da vidraça,
a Sinhá moça num roupão de chita...

Sonho illusor... Sonho que a realidade
desfaz, tal como as vagas no alto mar...
E apenas dentro em si ouve a saudade
como uma onda eterna a soluçar...

Bucólica regional

Ó vós que celebraes extranhos cantos
e céus extranhos — vinde aqui commigo
gozar destes lugares os encantos
neste valle sombrio, doce e amigo.

Ouvi do riacho os soluçantes prantos
cujo rythmo suave não consigo
reproduzir na musica de tantos
versos que escrevo e sonhos que não digo...

Deixae Tyrsis, Corindons e Amarillis,
flautas de Syrinx, Naia ardente e bella,
ideaes amores dê alouradas Willis,

que mais vai ver *sio* Juca na viola,
nhá Maria cozendo e, na janella,
Joanninha a rir para o Mané Pachola...

Missa das cinco

Ad Manes

Aos meus Mortos

I

Tradições e Costumes

Mais que a pompa da liturgia engalanada de áureo Pontifical entre luzes e incenso sinto que esta gentil missa de madrugada me absorve a alma na uncção de um misticismo intenso.

É a hora em que desce Deus nas bençãos da orvalhada e do campo, tal como um thuribulo immenso, sobe a névoa — alva prece, alma da terra alada — e o ar é todo aromal como um jardim suspenso.

Hora conventual de matinas canoras que evoca o tempo antigo, a Arte dos Primitivos... Catacumbas... Martyrio... E sangrentas auroras...

Hora em que sinto em mim, qual recesso lume, a saudade sem fim dos meus Mortos tão vivos encher-me todo como uma onda de perfume...

II

Mortos tão vivos! E eu tão morto ora me vejo...
Oh! o lento correr das horas assassinas,
estilicídio atroz que amortece o desejo
e aumenta da saudade as dolorosas ruínas !

Sinto-me — ha quanto tempo, ó pensamento andejo ?!
galgando o morro, ás frouxas luzes levantinas,
e minha velha avó, tão querida, entrevejo...
Que aroma de jasmins me vem nas auras finas !

Missa das cinco. . .Que doçura no ar em torno!
No lânguido frescor dos verões cuyabanos
a terra humida sai como de um banho morno...

Vão grupos de chalinho em meio á noite escura...
E parece que a esta hora — ó míseros humanos!
Deus é mais nosso, o céu mais perto e a alma mais
pura.

Junho

Junho, o mez alegre das fogueiras,
cheio de risadas prazenteiras,
não ha muito tempo entrou...
Santo Antonio já nos bate a porta.
Ai! que frio vento os ares corta
É o inverno que chegou.

Junho traz-me á idea uma velhinha,
muito encarquilhada e entanguidinha,
na lareira a se aquecer.
Todo o céu immenso está deserto
de aves e de névoas encoberto,
d'alva ao triste ennoitecer.

Erma é a grande várzea, o campo é ermo.
Anda o sol tão pallido que enfermo
certamente deve estar,
pois só muito tarde é que apparece
e tão embuçado que parece
o ar gelado receiar.

Quando a tarde desce no poente,
sem aquella luz resplandescende
dos occasos estivaes,
a paisagem toma um ar funéreo
que parece um vasto cemitério,
com cyprestes funeraes...

Mas a noite traz a vida e accendem
lumareus que, fulgidos, resplendem
entre a fosca escuridão,
bichas mil espoucam, barulhentas,
e, por entre as névoas alvacentas,
sobe e libra-se um balão.

Ouvem-se sentidas e maguadas,
pelo alvorecer das madrugadas,
lôas de gentil canção
e, na sala, um rancho de morenas,
nas mantilhas leves pequenas,
tira as sortes de S. João.

— Noites encantadas e divinas,
quando, atraz das portas, as meninas
vão, attentas, escutar

o primeiro nome pronunciado,
talvez do querido namorado
com que acabam de dançar...

Quanta velha lenda hoje perdida,
na banalidade atroz da vida,
quanto sonho, quanto amor,
Junho evoca na alma de quem sente,
como eu, insípido o presente
e o passado encantador!

O samba

Ha festa pelo sitio. A casa regorgita
de gente que abalou de toda a cercania.
Vai por tudo um rumor de risos e a alegria
a todos, da senzala á sala grande, agita.

Na cozinha o pessoal alvoroçado grita,
em quanto o leitão gordo assando ao forno chia.
Sinhá Grande ao provar o prato de ambrozia,
sem notar, sapecou seu vestido de chita.

Acabado o jantar, a meiga Sinhásinha
vai as moças chamar para brincar de prendas...
Vêm latidos de cães da fazenda visinha.

E Uma cabocla dança o samba, no terreiro,
erguendo a saia azul de babados de rendas,
requebrando os quadris no passinho ligeiro...

No “retiro”

I

Noite sinistra e feia... A ventania
uiva na treva, como um torvo bando
de cães correndo... A escura ramaria,
como braços que se erguem na agonia,
ergue ao céu negro os galhos farfalhando.

Como braços que se erguem na agonia,
todo o arvoredo se contorce irado.
No céu, nem uma estrella. Apenas, fria,
a lua sobe e é tétrica e sombria
a sua luz no espaço desolado...

A lua sobe e é tétrica e sombria
a solidão tristissima do espaço.
O vento entre as folhagens esfuzia
e a lua sobe muito branca e fria,
com seu clarão de cobre morno e baço...

E a lua sobe muito branca e fria
sobre a campina nua e enregelada.
Ladram cães... Mugem bois... E, mais sombria,
a solidão parece que asfixia
a pobre alma da gente apavorada...

II

No rancho, á frouxa luz da lamparina, escuto
o silencio que envolve a torva immensidade,
e olho o céu que parece uma freira de lucto
no claustro funeral da sua soledade.

E sinto approximar-se a tempestade...
Rolam sons surdos de canhões á distancia e purpúreos
como listrões de fogo, os afflatos sulfúreos
cortam o tredo céu que os astros não enfrolam.

De repente um borrifo e uma lufada forte
vem bater-me no rosto. Um cheiro acre e terroso
sente-se. E a chuva cai e, em pouco, de tal sorte
cai, em pouco se torna um temporal furioso.

Rebrama o vento, explode o raio fortemente,
ruge o rio e, em caudaes, cai a chuva, inundando
o campo, e em gorgolões pela estrada rolando
é como um grande choro altisono e dolente...

De pouco a pouco vai cedendo e declinando
a procella e, afinal, volta a calma nocturna...
Apenas se ouve o som das águas escachoando
a se precipitar numa longínqua furna.

III

E enquanto sobre a mesa arde e crepita
a vela benta aos pés da Virgem Santa,
e a solidão se estende até a infinita
orla do campo e uma coruja grita
agoureira e tristonha – um gallo canta,

ao longe, o hymno vibrante da alvorada...
E, opresso, a angustia a me affligir o peito,
– uma angustia infinita e desolada –
vejo correr a noite, na invernada,
sem somno, a revolver-me sobre o leito...